

BENEFICIAR AOS MORTOS, CULTIVAR A COMPAIXÃO E LIDAR COM O LUTO

*Felipe Donadon**
*Maximiliano Augusto Saway***

RESUMO

Nesse artigo propomos a análise de um dos eventos presentes no Sūtra de Kṣitigarbha (Ārya-bodhisattva-kṣitigarbha-pūrva-praṇidhāna-sūtra), que narra sobre uma das vidas do contínuo do desperto (*bodhisattva*) na qual suas aspirações iniciais de beneficiar todos os seres a superarem os renascimentos miseráveis são fortalecidas. Essa análise ocorrerá sob a perspectiva do desenvolvimento da compaixão (*karuṇā*) como explicado por Tsongkhapa no Grande Tratado do Caminho Gradual da Iluminação (*Lamrim Chenmo*). Buscaremos assim entender como esse Sūtra devocional busca estimular o desenvolvimento dessa virtude através de uma narrativa alegórica sobre ações aflitivas, seus resultados nos renascimentos dos seres e práticas que visam beneficiar aqueles que faleceram. Com isso, refletiremos sobre como esse estímulo ao cultivo da compaixão (*karuṇā*) pode auxiliar o praticante a lidar com o luto.

Palavras-chaves Sūtra de Kṣitigarbha; Compaixão; Luto.

* Mestrando em Ciências da Religião na UMESp, graduado em Psicologia pela PUC Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Prática e Aconselhamento. E-mail: felipeDonadon.x@gmail.com.

** Formado em Teologia Budista pelo Instituto Pramāṇa (2018). É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e faz parte do programa de mestrado livre em Teologia Budista pelo Instituto Pramāṇa. Cursa Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: maxsawaya@gmail.com.

ABSTRACT

In this article we propose the analysis of one of the events present in Kṣitigarbha's Sūtra (Ārya-bodhisattva-kṣitigarbha-pūrva-praṇidhāna-sūtra), which narrates one of the lives of the awakened continuum (bodhisattva) in which his initial aspirations to benefit all beings to overcome miserable rebirths are strengthened. This analysis will take place from the perspective of the development of compassion (karuṇā) as explained by Tsongkhapa in the Great Treatise on the Gradual Path to Enlightenment (Lamrim Chenmo). We will thus seek to understand how this devotional Sūtra seeks to stimulate the development of this virtue through an allegorical narrative about afflictive actions, their results in the rebirth of beings and practices that aim to benefit those who have passed away. With this, we will reflect on how this stimulus to the cultivation of compassion (karuṇā) can help the practitioner to deal with grief.

Keywords: Kṣitigarbha Sūtra; Compassion; Grief.

INTRODUÇÃO

O Sūtra da Aspiração Inicial do Nobre Desperto Kṣitigarbha¹ (Ārya-bodhisattva-kṣitigarbha-pūrva-praṇidhāna-sūtra) – texto devocional canônico da tradição budista Mahāyāna, cujo original em sânscrito se perdeu e sua tradução em chinês mais antiga data do século VII d.C. (NG, 2017, p. 107) – expõe diversas temáticas como a disciplina moral, as práticas para auxiliar aqueles que faleceram, e também a “prática da piedade filial”, da “transmigração dos seres vivos²”, do “resgate dos sofredores”, da “retribuição da bondade” (HUA, 1974, p. 18). Esses assuntos são tratados de maneira alegórica, estabelecendo o Buda em reinos celestiais como o Reino Celestial dos Trinta e Três (Trayastrimśa) e o Reino Celestial da Terra Alegre (Tuṣita), ensinando tanto aos despertos (*bodhisattvas*), aos celestiais (*devas*) quanto a outros incontáveis tipos

¹ Esse sutra será tratado em outros momentos como Sutra de Kṣitigarbha, para deixar a leitura mais fluida.

² “Seres vivos” aqui se refere ao que em outros momentos do artigo será tratado como seres sencientes. Optamos por manter seres vivos nessa citação, por ser uma tradução literal de “living beings”, presente na tradução para o inglês do comentário de Hsüan Hua sobre o Sutra de Kṣitigarbha.

de seres como ogros (*rakṣas*³), seres-ciumentos-invejosos (*pretas*⁴), etc... (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.24-A.25).

É Buda Śākyamuni que inicia o Sūtra e responde muitas perguntas feitas durante a assembleia, mas é o desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha que divide com ele a fala, ao mesmo tempo em que tem suas práticas e votos aspirativos como disparador dos temas abordados. Kṣitigarbha é apresentado em diversas de suas vidas, desde o momento que aspirou pela primeira vez dedicar-se ao “compromisso-do-despertar”⁵, até nas vidas subsequentes nas quais ele cultivou ainda mais essa sua determinação de ajudar os seres mães⁶, de diferentes vidas, que haviam tomado renascimentos miseráveis (KṢITIGARBHA, 2016). São nesses momentos – vidas – que Kṣitigarbha intensifica ainda mais o compromisso de buscar realizar o completo despertar (*samyaksaṃbodhi*), para ser capaz de ajudar, de forma definitiva, todos os seres que sofrem.

No Sūtra, um dos momentos em que o contínuo (*saṃtāna*⁷) do desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha, tendo – em outra vida, como vimos

³ O termo *rakṣa* também costuma ser traduzido como “demônios”. Optamos por “ogros” aqui, como visto no The Princeton of Buddhism (BUSWELL & LOPEZ, 2014), não porque consideramos o mais correto, já que se confunde com outros seres das lendas e mitologias europeias, mas sim para não confundir com outros seres que possuem um papel mais vilanesco nas narrativas budistas, como o Māra e seu séquito de māras.

⁴ Optei pela tradução do termo *preta* que foi adotada na versão em português do Sutra de Kṣitigarbha que estamos usando como referência. Outra tradução desse mesmo termo que é bem conhecida é “fantasmas famintos”.

⁵ Que está relacionado ao desenvolvimento da mente do despertar (*bodhicitta*), que é a determinação de buscar realizar o completo despertar (*samyaksaṃbodhi*) para ajudar todos os seres sencientes a fazerem o mesmo.

⁶ Referência presente na narrativa do Sutra de Kṣitigarbha do método de desenvolvimento de Sete Causas-e-Efeitos da mente do despertar (*bodhicitta*) desenvolvido por Asaṅga e explicado por Tsongkhapa (2021) no grande Tratado do Caminho Gradual da Iluminação (Lamrim Chenmo).

⁷ *Samtāna* é um termo que, segundo Buswell e Lopez (2014, p. 759), “designate an uninterrupted sequence of cause and effect, especially a sequence of mental moments”, o que leva muitos tradutores a trabalharem com o termo *continuum* ou contínuo como tradução. Ele, ainda segundo Buswell e Lopez, se refere comumente a sequência interdependente mental, seja de uma única vida ou de várias. Por conta dessa sequência ininterrupta como se fosse um fluxo de um rio, outra tradução usada para o termo *saṃtāna* é “fluxo”, como usado por Tsai em *A Teoria da Realidade dos Novos Absolutistas Budistas no Comentário ao Tratado Tesouro Inefável de Vasubandhu* (2018). Optamos por usar a tradução contínuo por ser como aparece na versão do Sutra de Kṣitigarbha que estamos utilizando.

anteriormente – já se comprometido a treinar a cultivar a mente do despertar, desenvolve uma preocupação intensa pelo renascimento miserável de outro ser, é como uma garota que perdeu a mãe. É narrado que a mãe da “criança sagrada⁸” cultivava a visão errônea da negação da causalidade (*mithyadr̥ṣṭi*) e falava mal sobre as Três Joias (*Ratnatraya*), o que resultou em um renascimento nos reinos miseráveis⁹. Preocupada com o tipo de renascimento que sua mãe poderia ter tomado a “garota sagrada” buscou fazer diversas oferendas para o *Buddha* daquele mundo e daquela época, Pupe-samādhi-saṃbodhi, buscando respostas de como beneficiar a sua mãe (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.26-A.27).

Através do poder daquele *Buddha*, a garota foi até os reinos miseráveis e lá viu diversos seres sofrendo, o que a fez sentir um grande pesar. Com o auxílio de um dos guardiões do local onde estava, o desperto (*bodhisattva*) Raja-visabhava, ela descobriu que, mesmo sua mãe tendo renascido ali ela ficou pouco tempo, pois tomou renascimento em um reino celestial – junto com todos os seres que formaram “conexões” com ela – “em virtude de suas oferendas e amor filial oferecidos ao *Buddha* Pupe-samadhi-sambodhi”. Ao voltar para seu mundo, a garota se determinou: “A partir de agora me esforçarei até o limite das minhas forças para retirar dos sofrimentos os seres sencientes, em todas as minhas vidas futuras, em todos os *kalpas* que vierem.” (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.28-A.29). Desse modo intensificou o cultivo da mente do despertar (*bodhicitta*), uma das causas para o completo despertar (*samyaksaṃbodhi*).

1. O EVENTO DA “GAROTA SAGRADA”: ESTÍMULO PARA O CULTIVO DA COMPAIXÃO E INDICADOR DAS PRÁTICAS DE BENEFICIAR OS MORTOS

Tendo contextualizado o evento, podemos dividir essa narrativa em quatro momentos: 1 – a preocupação da “Garota Sagrada” pelo

⁸ Como a garota que faz parte do contínuo que se tornaria o desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha é conhecida nessa parte da narrativa.

⁹ Como o objetivo desse artigo não é tratar sobre a teoria da atividade (*karma*), que é bastante complexa, nos limitaremos a apresentar e explicar a narrativa que é objeto de reflexão aqui.

renascimento miserável da mãe; 2 – a visão dos seres que sofrem nos reinos miseráveis; 3 – o entendimento que suas práticas devocionais foram efetivas para ajudar aquela que foi sua mãe e outros que tinham feito conexão com ela; 4 – a intensificação da aspiração de beneficiar todos os seres sencientes.

A respeito da preocupação da garota pelo renascimento de sua mãe que falecera, aparece da seguinte maneira no sūtra:

A garota estava consciente de que sua mãe não agira em vida levando em consideração a causalidade moral, e com isso gerara intenso *karma* de dor para si mesma, realizando muitos feitos aflitivos, e isso levou-a a renascer nos reinos miseráveis e a sentir dores ininterruptamente (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.26).

O primeiro aspecto importante para observarmos e refletirmos é que a garota – o contínuo de Kṣitigarbha – já havia desenvolvido a fé (śraddhā) nos ensinamentos (*Dharma*), uma das “cinco faculdades para a prática (*indriya*)” (TSAI, 2020, p. 50), de modo que ela não apenas acreditava que sua mãe poderia ter renascido nos reinos miseráveis, mas tinha conhecimento de que isso havia acontecido. A fé (śraddhā), no contexto budista, se inicia como confiança em uma crença e se desenvolve a partir da razão ao se aplicar os ensinamentos e observar seus efeitos.

Essa ciência a respeito dos sofrimentos da mãe a partir do conhecimento de suas atividades (*karma*) aflitivas (*kleśas*) indica que a garota já tinha a habitualidade de refletir sobre os sofrimentos do ciclo de renascimentos (*saṃsāra*¹⁰). Podemos pensar sobre isso pela perspectiva de Tsongkhapa¹¹ no *Lamrim Chemo*¹² estabelece diferentes formas de refletir a respeito dos sofrimentos pelo viés de diferentes níveis de aspirações dos praticantes, sendo o primeiro o daqueles que buscam por algum tipo de felicidade na existência cíclica (*saṃsāra*), o

¹⁰ Que também costuma ser traduzido como ciclo de sofrimento e também como existência cíclica.

¹¹ Je Tsongkhapa Lobsang Dragpa, séc. XIV-XV d.C., foi o fundador da escola Geluk do budismo tibetano, também pertencente à tradição Mahāyāna.

¹² O Grande Tratado do Caminho Gradual da Iluminação (*Lamrim Chemo*) será chamado no texto pelo nome original tibetano, por ser mais sintético e manter a fluência da leitura.

segundo daqueles que entendem a natureza degenerativa do ciclo de renascimentos (*samsāra*) e buscam se libertar dele e o terceiro é daqueles que buscam libertar não só a si mesmos como a todos os seres sencientes que também estão presos no ciclo de sofrimentos (*samsāra*) (TSONGKHAPA, 2020a, p. 77-79).

A morte é o primeiro tipo de sofrimento explicado por Tsongkhapa (2020a, p. 99-131), apontando diversas características da morte para criar um senso de urgência no praticante. Entre elas ele expõe a importância do treino da mente no momento da morte, pois apenas as nossas virtudes e aflições nos acompanharão em nossos renascimentos, desse modo relacionando a outro tipo de sofrimento, que é o dos renascimentos miseráveis como ser-ciumento-invejoso (*preta-sattva*), ser-animal (*tiryak-sattva*) e ser-atormentado-pela-dor (*naskara-sattva*)¹³. O que acaba remetendo a teoria da atividade (*karma*) e a prática da disciplina moral como forma de ter bons renascimentos.

Entretanto, para além de levar o praticante a buscar treinar a disciplina moral para ter condições melhores em vidas futuras, esses temas trazem consigo reflexões que levam ao entendimento de que nada nesse ciclo de renascimentos (*samsāra*) é seguro. Com isso Tsongkhapa (2020c, p. 103-110) passa a explicar como os sofrimentos existenciais estão presentes também nos renascimentos em estados felizes do ciclo de renascimentos (*samsāra*), tal como o de um ser-divino-sem-moral (*āsura-sattva*) e de um ser-divino-com-moral (*deva-sattva*)¹⁴.

Toda essa reflexão sobre os diversos tipos de sofrimento faz com que o praticante desenvolva o desejo de se libertar, mas é quando ele expande sua reflexão para o sofrimento e libertação dos outros é que ele passa a desenvolver a compaixão. O cultivo da reflexão sobre o sofrimento e da compaixão já era uma constante no contínuo da garota – o mesmo que o do desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha – e, desse modo, ela já buscava se libertar do próprio sofrimento e ajudar os seres. Por

¹³ Mesmo que no *Lamrim Chenmo* esses seres sejam tratados como espíritos angustiados (*preta*), animais (*tiryak*) e seres dos infernos (*nāraka*), optei por manter esses termos como aparecem na tradução do Sutra de Kṣitigarbha que estamos utilizando.

¹⁴ O mesmo da nota anterior serve para esses termos, que no *Lamrim Chenmo* são traduzidos como deuses (*devas*) e semideuses (*āsuras*).

isso ela estava ciente do renascimento de sua mãe, o que a deixou preocupada a ponto de ela agir para conseguir fazer algo para ajudá-la, no caso fazer oferendas e preces para o *Buddha* Pupe-samadhi-sambodhi, para poder saber qual renascimento miserável ela havia tomado e como beneficiá-la (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.26).

Essa preocupação com sua mãe é um dos passos fundamentais para o cultivo da compaixão. Segundo Tsongkhapa (2021, p. 90-92), deve-se iniciar o cultivo com nós mesmos, para podermos expandir para pessoas próximas pelas quais temos uma relação de apego, depois para as neutras e, por fim, para nossos inimigos, ou seja, por aqueles que temos alguma hostilidade. Sendo que um aspecto importante desse cultivo meditativo é partir de um indivíduo, para depois expandir aos poucos para outros, passamos do entendimento do sofrimento e desejo de libertação de nós mesmos para os outros, iniciando com um indivíduo (TSONGKHAPA, 2021, p. 114), no caso da “garota sagrada”, a sua mãe.

O segundo momento trata da visão dos sofrimentos dos seres sencientes que renascem nos reinos miseráveis. O que ocorre da seguinte forma: após fazer as práticas direcionadas ao *Buddha* de seu mundo e sua época, a garota é orientada por ele sobre o que fazer e como praticar o que lhe foi ensinado. “Depois de meditar por um dia e uma noite, ela repentinamente viu a si mesma” em um reino miserável, onde viu diversos “homens e mulheres” sendo torturados por monstros em um oceano revoltado. “A visão era tão terrível que a garota não ousava mais contemplá-la, embora pelo poder do *Buddha*, ela não sentisse nenhum medo.” (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.27).

O que temos aqui é uma expansão do entendimento dos sofrimentos para diversos outros seres os quais ela não conhecia e, portanto, neutros. Essa expansão – com a base explicada anteriormente bem formada – para um número ilimitado de seres é importante, segundo Tsongkhapa, para desenvolvermos “muito mais amor e compaixão”. Ainda segundo o autor do *Lamrim Chenmo*, quando pensamos “sobre isso por um longo tempo, nosso amor e compaixão serão fortes e estáveis.” (TSONGKHAPA, 2021, p. 116), o que condiz com a narrativa do cultivo feito no contínuo do desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha de vida em vida.

Já no terceiro momento a garota, ainda no reino miserável, é auxiliada por outro desperto (*bodhisattva*) Raja-visabhava, a entender o que aconteceu com sua mãe (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.27-28). Ele explica para ela:

Garota sagrada, peço que não fique triste e que retorne para sua casa com um coração alegre, pois sua mãe renasceu há três dias atrás num reino celestial, e isso aconteceu em virtude de suas oferendas e amor filial oferecidos ao *Buddha* Pupe-samadhi-sambodhi. (...) Mas não foi só sua mãe que conseguiu sair do sofrimento dos reinos miseráveis, como também todos os seres que estavam próximos a ela, que formaram conexões com ela nos reinos miseráveis neste curto espaço de tempo de três dias, pois eles também foram levados a renascer em reinos celestiais, no mesmo dia que ela pela transferência de vossos méritos por meio das virtudes do completo-despertar (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.28).

Mostrando assim que suas práticas beneficiaram sua mãe em seus renascimentos, indicando a possibilidade de alguém que cultiva as “virtudes do completo-despertar” (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.28) beneficiar seus entes queridos e outros seres que faleceram. A compaixão (*karuṇā*), que foca em ajudar alguns seres a se libertarem do sofrimento, é causa para a grande compaixão (*mahākaruṇā*), que busca ajudar todos os seres a se libertarem dos sofrimentos. Enquanto a grande compaixão (*mahākaruṇā*) “é uma causa necessária para o desenvolvimento do espírito da iluminação aspirativo” (TSONGKHAPA, 2021, p. 117) e esse, é um dos requisitos para a realização do completo despertar (*samyaksaṃbodhi*) através do treinamento das perfeições (*pāramita*) do caminho dos despertados (*bodhisattva*). Desse modo, podemos entender que a compaixão é uma das “virtudes do completo-despertar” que possibilitaram que ela ajudasse sua mãe e os outros seres próximos a ela.

Isso indica a possibilidade, segundo esse Sūtra devocional, de ajudar os seres sencientes que falecem através de oferendas e dedicatória do “amor filial”. Isso aparece mais vezes no sutra, quando se explica práticas que têm esse objetivo, como recitação de sutras – como o próprio Sutra de Kṣitigarbha – ou do nome de *Buddhas* para os moribundos, ou mesmo durante os 49 dias após o falecimento do parente, entre outros (KṢITIGARBHA, 2016, p. A.50-A.53). Outra coisa que é indicada nesse

momento da narrativa é a importância do cultivo constante das virtudes que são causas do completo-despertar (*samyaksaṃbodhi*).

Desse modo, utilizando uma narrativa alegórica, o Sūtra de Kṣitigarbha busca estimular o leitor devoto a se dedicar a práticas que objetivam beneficiar os seres sencientes que faleceram, tendo como referência aqueles seres próximos ao praticante. A partir disso o devoto cultiva a compaixão (*karuṇā*) e a estimula a desenvolver-se como grande compaixão (*mahākaruṇā*), para posteriormente ser desenvolvida a mente da iluminação (*bodhicitta*).

2. A COMPAIXÃO E OS SEUS BENEFÍCIOS AO PRATICANTE

Conforme observamos na seção anterior, através da análise da narrativa presente no Sūtra de Kṣitigarbha busca-se um empenho para o benefício daquele falecido. Porém, é interessante trazermos a consideração de como este direcionamento acaba, até mesmo por impactar de uma maneira positiva a pessoa que adentra estas práticas. Inclusive, é interessante notarmos, como mencionado anteriormente, que esta preocupação pelo outro não gera uma estagnação da pessoa ao refletir sobre o sofrimento, mas uma motivação que procura trazer o benefício aos outros.

Podemos observar que, ao tratarmos do luto, surgem dificuldades através do lidar com a dor e o sofrimento. Pode ocorrer de, ao tentar amenizar os pesares que surgem desta condição, a pessoa não estar em boas condições para tomar decisões por conta das adversidades que se fazem presentes. É notável observarmos que a abertura para a partilha e comunicação desta experiência com os demais parece ser um fator que por sua vez auxiliaria como um mecanismo para enfrentar este tipo de crise (FRANCO, 2021, p. 94).

Esse voltar-se ao outro, algo que retira o peso do sofrimento solitário, ou como aquele único que está no processo de vivenciar o luto, um movimento quase solidário da compreensão do sofrimento que permeia também aos outros, poderia ser equiparado ao direcionamento que o desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha faz. Quando o desperto (*bodhisattva*) volta-se com a finalidade de beneficiar os outros que sofrem, nomeadamente a sua mãe, ao refletir e observar seus sofrimentos,

notamos justamente esta condição que solapa o egoísmo centrado em nossas dores e procura pelos modos de se ajudar os demais.

É possível observarmos este desejo pelo benefício dos outros, nos tempos atuais, através do trabalho dos profissionais da saúde, que se dedicam ao tratar daqueles doentes, bem como os seus familiares. Porém, mesmo dentro do contexto da saúde, nota-se que há um despreparo das equipes para lidar com assuntos relacionados com a morte e as consequências que ela traz, como o luto. O lidar com a possibilidade da morte de uma maneira geral, através da comunicação de diagnósticos desfavoráveis parece também ser uma dificuldade presente (NUCCI, 2018, p. 67).

Como as reflexões providas através da leitura do Sutra nos auxiliariam no lidar com as perdas e os sofrimentos provenientes destas? Podemos considerar a reflexão que Tsongkhapa nos traz quando comenta sobre os benefícios de se cultivar a ciência sobre a morte, conforme menciona: “Você, portanto, trará significado duradouro para as coisas, como o corpo, que antes não tinha tanto significado. Você subirá ao sublime estado e conduzirá outros da mesma forma” (TSONGKHAPA, 2020a, p. 105-106).

Deste modo, podemos observar que a reflexão sobre a morte, ao invés de nos tornar mórbidos em relação a vida, na verdade nos traria a busca pelo seu significado e por tentar utilizá-la da melhor forma possível. Isto, inclusive, acabaria direcionando-se à condução das outras pessoas que, em condição similar a nossa, também poderiam ser conduzidas para um estado que iria para além dos sofrimentos, de modo que os pesares e aflições provenientes do contato com a morte pudessem ser superados.

Esta observação, por sua vez, seria uma contraposição ao que é comentado como “a ideia de que a morte virá mais tarde” (TSONGKHAPA, 2020a, p. 103). Assim, conforme mencionado na seção anterior, trazemos uma reflexão para a necessidade da nossa libertação dos sofrimentos, enquanto ainda possuímos a oportunidade desta vida para praticarmos virtudes, de tal modo que, em consequência disso, possamos também beneficiar os outros. Com isso, o desejo pela libertação não se mantém somente em nós, mas expande-se para abarcar a libertação dos demais.

Dessa forma vemos como há a capacidade de uma ajuda, em conjunto daqueles que se mantêm vivos e que buscam enfrentar as dificuldades, ao procurarem lidar com as aflições e sofrimentos que a morte acaba trazendo. No Sūtra de Kṣitigarbha isso se torna ilustrado quando ela, em um reino miserável, é ajudada por outro desperto (*bodhisattva*). Podemos notar o modo como se faz presente essa forma de rede de auxílio e amparo, através do buscar beneficiar aqueles que sofrem. Isto também pode ser observado ao olharmos para ambientes que fomentam a partilha das experiências, conforme mencionado no seguinte excerto: “A comunidade religiosa proporciona uma grande contribuição nesse processo [de luto], favorecendo a integração social que muito colabora para o enfrentamento voltado à restauração” (PARKES, 2009, *apud* FRANCO, 2021, p. 107).

Constata-se assim que não se encontra sozinho no enfrentamento das dores e angústias que surgem do enfrentar a morte e do processo de luto. Mais do que isto, torna-se um referencial e fonte de apoio, tal como o desperto (*bodhisattva*) Kṣitigarbha acabou se tornando para aqueles que estavam sofrendo. Retira-se assim o centramento exacerbado e a comoção sobre a própria dor e passa a dar espaço para a busca de meios de beneficiar outros seres que também possuem sentimentos adversos e sofrem. Além disto, se considerarmos a base religiosa que está presente no sutra, há mais alguns fatores a serem considerados como os seguintes:

Temos, então, a soma de alguns fatores a favor da religião como recurso no enfrentamento de um luto: a crença que possibilita a construção ou a adoção de um significado; a existência de rituais que dão ao enlutado previsibilidade e ferramentas para lidar com sua condição; a experiência de pertencimento a uma igreja ou a um grupo religioso, que, ao possibilitar a integração social, tece fios resistentes na tela da rede de apoio (FRANCO, 2021, p. 108).

Desta maneira, trazemos à reflexão como esta conjunção de condições acabam por possibilitar uma fonte de amparo àquele que se encontra em uma situação adversa, ao ter de lidar com suas aflições e dores provenientes do luto.

CONCLUSÃO

O pertencimento a um grupo, a integração social, a adoção e construção de significados, todos estes ao seu modo ajudam no “tecer” uma rede de apoio, de modo que a pessoa passe a estar melhor situada, ao direcionar-se pela compaixão, por buscar beneficiar àqueles que também estão em sofrimento. Ela acaba por encontrar-se diante de diversos benefícios que surgem como uma forma de consequência indireta, ao voltar-se por compaixão ao sofrimento do outro e buscar enfrentá-lo. Descobre-se que, longe de arcar com um fardo sozinho, vislumbra-se todo um apoio que se faz presente por outros que, assim como nós, também se movem pela compaixão e estão buscando a superação destes sofrimentos, nomeadamente, aquele do luto.

Aliás, parece ser justamente isto que se constata na seguinte seção, conforme se segue: “A compaixão, a gentileza, a amorosidade e a espiritualidade podem alicerçar novas formas de alívio do sofrimento humano” (LIBERATO, 2013, *apud* FRANCO, 2021, p. 109). Consideramos então que, muito mais do que trazer o benefício intencionado pela prática, do benefício àquela pessoa que morreu, como foi o caso de Kṣitigarbha, ela acabou por ver-se envolta por outros que, assim como ela, também partilhavam de seus princípios e valores, sendo o mais explícito deles nesta história o da compaixão. Isto ocorre de tal modo que o resultado é esta continuidade de ações compassivas, e o estabelecimento de um modelo, o do desperto (*bodhisattva*), sendo aquele que busca incessantemente trazer o benefício aos que estão atormentados pelas aflições.

Revela-se com isso como se é beneficiado pelas práticas, quando se direciona justamente buscando o benefício dos outros, e vê-se movido por princípios como aqueles da compaixão e da grande compaixão. Isso acaba ocorrendo de tal forma que, com o cultivo de virtudes e a reflexão compassiva para com os seres, estas condições vão se disseminando continuamente até que, assim esperamos, algum dia o sofrimento de todos os seres possa finalmente ser cessado.

REFERÊNCIAS

BUSWELL, Robert E.; LOPEZ, Donald S. **The Princeton Dictionary of Buddhism**. New Jersey, US: Princeton University Press, 2014.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O Luto no Século 21**: Uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2021.

HUA, Hsüan. **Sutra of the Past Vows of Earth Store Bodhisattva**: The Collected Lectures of Tripitaka Master Hsüan Hua. Trad.: CHING, Heng. Nova Iorque: Sino-American Buddhist Association, 1974.

KṢITIGARBHA. Sutra do Bodhisattva Kṣitigarbha (Arya-Bodhisattva-Kṣitigarbha Purva-Pranidhana-Sutra). In: **BUDDHANUSMRTI**. Tradução: Plínio Tsai. Valinhos, SP: ATG, 2016.

NG, Zhiru. **The making of a savior bodhisattva Dizang in medieval China**. Honolulu, US: University of Hawai'i Press, 2017.

NUCCI, Nely Aparecida Guernelli. Educar para a morte: cuidar da vida. In: FUKUMITSU, Karina Okajima. (Org.) **Vida, morte e luto**: atualidades brasileiras. São Paulo, SP: Summus, 2018.

TSAI, Plínio Marcos. **Coleção de Meditações: Tempo *Sthāvira*, volume 1**. Estrutura e Trad.: TSAI, Plínio Marcos. Valinhos, SP: Associação Buda Darma, 2020.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. **Lamrim Chenmo**: Grande Tratado do caminho gradual da iluminação Parte II: Ensinaamentos do Primeiro Escopo. Tradução: TSAI, Plínio. Valinhos, SP: Associação Buda Darma, 2020a.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. **Lamrim Chenmo**: Grande Tratado do caminho gradual da iluminação Parte III: Ensinaamentos do Segundo Escopo. Tradução: TSAI, Plínio. Valinhos, SP: Associação Buda Darma, 2020b.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa. **Lamrim Chenmo**: Grande Tratado do caminho gradual da iluminação Parte IV: Ensinaamentos do Escopo Superior: Como Gerar o Espírito da Iluminação. Trad.: TSAI, Plínio. Valinhos, SP: Associação Buda Darma, 2021.